

A voz passiva na língua espanhola: o que é, como se (des)faz¹

Sara Alves Stradioto

Resumo: Este estudo traça um panorama dos diferentes enfoques dados pelas gramáticas espanholas no capítulo destinado à voz passiva. Dispondo de análises que privilegiam o campo semântico, sintático ou discursivo, o leitor se vê diante de uma multiplicidade de visões que muitas vezes se contradizem. Aponta-se, ainda, para as divergências destas estruturas quando comparadas ao português brasileiro e procura-se, a partir destes dados, demarcar os focos do descaso sofrido por estas dicotomias.

Palavras-chave: Voz Passiva, Espanhol.

Abstract: This study draws a view of the different approaches of Spanish grammars regarding the passive voice. Disposing of analyses that privilege the semantic, syntactic or discursive field, the reader is faced with multiple views that often are contradictory. It also draws attention to the different paths these structures take when compared to the Portuguese from Brazil. Based on this information, this study is aimed to demarcate the focuses of the disregard suffered by these dichotomies.

Key words: Passive Voice, Spanish.

1. Introdução

Os cursos de licenciatura em língua espanhola do País pretendem atender a duas questões fundamentais: ensinar a língua e, ao mesmo tempo, preparar os alunos para a docência. No que diz respeito ao primeiro item, ainda que as horas semanais oferecidas na graduação normalmente não são suficientes para o seu efetivo aprendizado, o estudante dispõe de uma série de ferramentas que possam contribuir a essa formação: meios de comunicação da língua meta, cursos de idiomas, viagens ao exterior, etc. Entretanto, o aperfeiçoamento lingüístico não constitui metodológico, e uma prática docente eficaz e fundamentada teoricamente depende de uma atenção dedicada aos aspectos formais da língua.

Todo professor de língua estrangeira, uma vez que dispõe do perfil de seus alunos, conhece os erros mais freqüentes decorrentes da *interlíngua* e foca o processo de aprendizagem no sentido de diminuir essas probabilidades. Este aluno, no caso do professor de espanhol, muitas vezes nos é familiar: brasileiro, falante do português e freqüentemente dotado de certos preconceitos no que diz respeito à semelhança entre a sua língua materna e a

¹Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais.

língua meta. Os contrastes mais expressivos entre as duas línguas são, portanto, trabalhados desde os níveis iniciais do ensino.

Os materiais em Língua Espanhola oferecem ao docente uma ampla produção sobre os elementos estruturais da língua. São muitas as gramáticas que procuram esclarecer, mesmo que de forma difusa e muitas vezes contraditória, as regras sintáticas e morfológicas básicas do espanhol. Mesmo assim, o aluno/professor aprende e torna-se capaz de explicar as diferenças, por exemplo, entre os pretéritos, ou a peculiaridade de verbos como *gustar* e *interesar*, assim como o uso dos *pronombres complemento*. Estes capítulos compõem a grade curricular das escolas: normalmente os temas trabalhados em cada série consistem na aquisição de léxico combinada a conjugações verbais básicas. Percebe-se que alguns elementos julgados “menos importantes” e que, portanto (ou melhor, porque), não estão no programa do ano letivo do ensino básico brasileiro, são deixados de lado. É o caso, pois, da voz passiva em português e espanhol.

A escassez de discussões e publicações acerca deste contraste é justificada pela atenção a ser dada, conforme se aponta no presente estudo, a outros problemas considerados mais freqüentes. Entretanto, sabe-se que muitos professores não se sentem suficientemente seguros ao ensinar o comportamento da voz passiva em espanhol. O tema, quando trabalhado, é restrito a descrições puramente formais esvaziadas de análise crítica no que diz respeito à funcionabilidade desses elementos.

Ao analisar a ocorrência de estruturas com voz passiva em produções escritas como traduções de diferentes gêneros textuais, jornais, revistas e outros veículos de informação hispânicos, percebe-se a preferência da passiva com “se”, ao contrário do português que muitas vezes opta pela perifrástica. Conclui-se, ainda, que não somente a concepção de que são escassas as ocorrências dessas estruturas na língua é equivocada, como também são bastante freqüentes os erros dos alunos de E/LE na hora de empregá-las. Inevitavelmente, as gramáticas passam a ser foco de atenção daquele que espera encontrar, nas então responsáveis por descrever o funcionamento da língua, soluções para esta questão.

¹Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais.

2. Interfaces entre *pasivas reflejas* e *pasivas perifrásticas*

A função prototípica da voz passiva é facilitar a coesão e a coerência do discurso, segundo afirma Francisco Matte Bon em sua *Gramática Comunicativa del Español*. Este recurso permite que o enunciador conecte o elemento focado anteriormente ao que pretende proferir e que também se relaciona a ele: “*la pasiva permite dar la vuelta en la frase para poder enlazar lo que se va a decir con lo que precede, y seguir así hablando de lo que estaba en el contexto*” (1995: p. 126, TI). Quando se emprega uma estrutura passiva, pretende-se, mais que simplesmente dar uma nova informação sobre o elemento focalizado, não deixar que ocorra uma quebra no discurso. Portanto, essa estratégia só é possível quando o elemento em questão (complemento da voz ativa) já faz parte do contexto e ocorre a necessidade de se referir a ele novamente sem que seja necessário remeter-se ao sujeito do verbo. Trabalhando em uma perspectiva mais estrutural, Amaya Mendikoetxea (1999: 1636) sugere:

“lo que caracteriza a las oraciones pasivas es que tienen como sujeto gramatical (o sintáctico) un sintagma nominal que se interpreta como el objeto nocional (o semántico) de la acción denotada por el verbo”.

Como se pode notar, com apenas dois estudos de lingüística espanhola já se aponta uma multiplicidade de orientações, nas quais se consideram diferentes aspectos do discurso e se sugerem reflexões sobre diversos pontos de vista.

Para se propor uma análise descritiva da voz passiva no espanhol é necessário estabelecer, primeiramente, uma clara diferenciação entre o emprego de *pasivas perifrásticas* (doravante PP) e de *pasivas reflejas* ou *passivas con “se”* (doravante PS). Essa diferenciação, entretanto, só é possível quando se estabelece uma separação de critérios semânticos e formais e é considerada a profunda complexidade da relação entre forma e significado. Ainda assim, há teóricos, como Matte Bon, que não reconhecem as estruturas com “se” como pertencentes à voz passiva, critério diferente daquele empregado por Leonardo Gómez Torrego, que estabelece uma extensa lista de

¹Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais.

classificações das estruturas com “se” em seu livro *Valores Gramaticales del “se”* (1992) – incluindo, claro, as consideradas passivas.

As fronteiras entre possibilidades de enunciados com PP e com PS são difusas, muitas vezes se entrecruzam e dependem tanto de fatores de natureza sintática como semântica. Entretanto, estes traços fronteirios têm características que nos permitem entender e separar suas possibilidades de uso. Por outro lado, os limites entre estas estruturas também existem no português brasileiro e também se interpõem, mas sabe-se que esse contorno não se dá de forma idêntica no espanhol.

Quando se passa de um código ao outro – seja na linguagem escrita, seja na oral – é possível notar que algumas vezes certas PP possíveis no português brasileiro não podem ser traduzidas da mesma forma no espanhol, que prefere a PS. Amaya Mendikoetxea, na *Gramática Descriptiva de la Lengua Española* organizada por Ignacio Bosque e Violeta Demonte, acrescenta que “[en el español actual] las oraciones pasivas con se tienen un carácter mucho menos restringido que las construcciones análogas de pasiva perifrástica” (1999: p. 1669).

O nível em que as passivas não se equivalem na língua materna e na língua meta é um complicador nos processos de ensino e aprendizagem. Primeiramente porque muitos professores desconhecem essas fronteiras ou, quando as dominam, estão considerando majoritariamente aspectos sintáticos sem se ater a perspectivas comunicativo-discursivas que correspondem ao uso real desses elementos. Isso talvez ocorra por causa da afirmação bastante escutada de que, semanticamente, se trata de duas estruturas equivalentes, se pensamos dentro de um mesmo código, o que se mostra incoerente, uma vez que casos de redundância na língua resultam na desaparecimento de um dos itens. Em segundo lugar, porque os alunos se movem em níveis de *interlíngua*, e aqui recai a força lógico-dedutiva da língua materna quando se pensa na língua estrangeira. O processo de aprendizagem exige conhecer essas fronteiras, o que implica na detenção de todo um entendimento estrutural e funcional dos dois códigos que são objetos de manuseio.

Como mencionado anteriormente, as PS têm uma distribuição mais ampla no espanhol que as PP. Certos lingüistas procuram justificar essa

¹Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais.

“preferência” centrando-se em diferentes aspectos que abarcam desde o léxico e a sintaxe até a intencionalidade do enunciador. Uma perspectiva que considera o uso real da língua é certamente mais produtiva no processo de ensino-aprendizagem que aquelas de cunho estritamente sintático e formal, tal como vem sendo trabalhado em sala de aula. Entretanto, será apresentada uma síntese de outros estudos que procuram justificar a peculiaridade da voz passiva no espanhol quando comparado ao português brasileiro.

Considerando os aspectos sintáticos, é possível afirmar que as passivas se caracterizam por terem como sujeito gramatical o objeto do verbo. Porém, várias diferenças são centradas outros âmbitos: a natureza, função e posição do sintagma nominal. Um sujeito estrutural associado a um objeto não tópico, posposto e não determinado, se parece, por conseguinte, semântica, morfológica e sintaticamente a um objeto.

Há a possibilidade de classificar as orações tendo como critério o aspecto do verbo, sendo este perfectivo ou imperfectivo. Tal separação não é tão relevante quando se consideram línguas como o português e o espanhol, em contraste, por exemplo, do russo, em que o aspecto verbal, nesta língua, modifica radicalmente a estrutura oracional. Gili Gaya, o primeiro lingüista a analisar a relação entre aspecto verbal e estrutura oracional, conclui suas reflexões com uma breve recomendação ao leitor (1943, p. 102):

“Téngase en cuenta que el contexto y las circunstancias pueden modificar el aspecto de la acción, el del tiempo que empleemos y sus interferencias recíprocas. Por esto no cabe regla fija que prevea todos los casos que puedan presentarse.”

Entretanto, ao analisar a maioria dos contextos em que há a ocorrência da voz passiva, é possível concluir que as PS podem ser realizadas com ambos os aspectos verbais, como no exemplo:

- Se resolvió el problema en un par de horas (perfectivo)
- Se pintaron las paredes de violeta (imperfectivo)

Por outro lado, quando se consideram as PP, observa-se uma restrição quanto à possibilidade de empregar verbos perfectivos quando não se referem

¹Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais.

a ações pontuais. Alcina e Blecua (1975) explicam que *“los verbos imperfectivos admiten espontáneamente la construcción pasiva en todos sus tiempos”*. Porém, ao remeter-se à problemática anterior, está-se diante de outro critério que dificulta o entendimento e a clareza da teoria: diferenciar uma ação pontual de uma não-pontual. Desconsiderando maiores detalhes sobre essa divisão, Mendikoetxea afirma que (1999: p.1685):

“La coexistencia de dos formas pasivas en español actual (pasiva con se y pasiva perifrástica), así como el uso mucho más extendido de la pasiva con se en comparación con la pasiva perifrástica, se explican por una cierta tendencia a la ‘especialización’ de la pasiva perifrástica en acciones de carácter puntual con un sujeto implícito delimitado. La pasiva con se es una construcción mucho menos restringida tanto en lo que se refiere a la naturaleza del sujeto y objeto nocionales, así como en cuanto al aspecto verbal.”

Outra possível perspectiva de análise que justifica a preferência pelas PS é considerar a transitividade verbal. Uma das condições para a ocorrência da voz passiva é que o verbo da oração seja transitivo:

- Fueron consumidas demasiadas copas
- Se consumieron demasiadas copas

“Todo verbo transitivo con objeto inanimado puede aparecer en una construcción de pasiva con se, sin ninguna restricción en cuanto al papel temático del sujeto nocional que desaparece (queda implícito) en la construcción pasiva”, (Mendikoetxea, 1999: p. 1670).

Porém, diferentemente das PS, tal premissa não é suficiente para o emprego de uma PP: *“Estos verbos [de movimiento con objetos locativos como andar, correr, nadar, saltar, cruzar, bajar, subir, etc.], en su uso transitivo, no admiten construcciones de pasivas perifrásticas”*:

- *Fue vivida la vida alegremente
- *Fue llorado el llanto de un niño

¹Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais.

A carga semântica do verbo corresponde a outro critério de diferenciação. Quando ela é baixa e o sintagma nominal objeto passa a ser mais evidente – verbos como *dar*, *tomar*, *tener* –, há uma escolha pelo uso de PS em relação às PP. Esses verbos são caracterizados pelo fato do seu objeto ser “interno” à ação verbal: é evidente a sua relação semântica com o verbo. Caso o objeto dos verbos seja “externo” à ação verbal, há um favorecimento das PP e as PS têm um caráter muito menos restrito, podendo aparecer com objetos “internos” e “externos”. Mendikoetxea (1999: p. 1671) utiliza o verbo *hacer* para ilustrar estas características semânticas e sua relação com a *diátesis*:

- Ayer se hicieron muchas visitas a los hospitales
- El año pasado fueron hechas muchas obras de mejora en los hospitales
- El año pasado se hicieron muchas obras de mejora en los hospitales

Os exemplos esclarecem a possibilidade do emprego de PS em ambos os casos e a limitação de se utilizar a PP ao segundo, considerando a carga semântica de *hacer*, em *se hicieron muchas visitas*, mais forte que em *fueron hechas muchas obras de mejora en los hospitales*. Assim, a autora explica que no primeiro enunciado o objeto é interno à ação verbal, enquanto no segundo é externo. Entretanto, essa diferença semântica do verbo não é muito clara quando acompanhadas de complementos como *visitas* e *obras*. Recai, aqui, outro critério que dificulta a compreensão do funcionamento da voz passiva.

As PP supõem a presença de um agente concreto que opera sobre um objeto externo, e as construções com PS enunciam um acontecimento no qual o agente está muito mais dissipado. Mendikoetxea (1999: p. 1672) afirma:

“Las oraciones de pasiva perifrástica mostrarían la mayor presencia del agente, que, por supuesto, se hace totalmente explícito cuando aparece en un sintagma preposicional introducido por *por*; es decir, una pasiva perifrástica sin sujeto nocional explícito es ‘menos impersonal’ que una pasiva con *se* de las mismas características.”

¹Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais.

Assim, o uso das PP implica necessariamente que haja uma intencionalidade do enunciador em mostrar certa presença do agente, enquanto as PS se reservam para ações habituais com agentes pouco delimitados e enunciados gerais. Quando se contrasta o português e o espanhol, estas dicotomias certamente são ressaltadas e, na ocasião da passagem de um código a outro, a preservação do grau de impessoalidade fica em segundo plano.

3. Considerações finais

São muitas as visões que permitem descrever as fronteiras entre PP e PS. Estas estruturas são elementos lingüísticos bastante controversos nos estudos sobre a língua espanhola: poucos professores se sentem realmente confiantes quando alguém questiona o seu funcionamento e esse medo reflete na falta de segurança dos alunos ao manejar o código e na conseqüente confusão acerca do tema.

As gramáticas também têm seu papel complicador no que concerne à descrição destas estruturas: as explicações morfossintáticas não apresentam critérios claros e facilmente reconhecidos e, no lugar facilitar, confundem, já que pouco explicam sobre o uso efetivo de tais elementos na língua. Simultaneamente, existe uma profunda confusão nos objetos de análise: amiúde os limites que separam essas classificações são imprecisos e permitem diferentes interpretações, fazendo com que professor e aluno se dediquem a um trabalho exaustivo e, muitas vezes, contraproducente.

Não se trata apenas de um problema decorrente na produção lingüística de falantes do português brasileiro que estudam espanhol. A questão reside em um âmbito mais profundo: profissionais da língua desconhecem as particularidades dessas estruturas, não sabem como ensiná-las e não dispõem de um manual didático que possa facilitar o entendimento. O problema, pois, resiste: eles continuam a ensinar espanhol desconsiderando o contraste existente entre a voz passiva das duas línguas e, conseqüentemente, o aluno

¹Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais.

não se atém à diferença e convive com uma concepção equivocada do funcionamento dessa estratégia comunicativa.

Referências Bibliográficas

- ALCINA FRANCH, J. e BLECUA PERDICES, J. M. *Gramática española*. Barcelona: Ariel, 1998.
- GILI GAYA, S. *Curso Superior de Sintaxis Española*. Barcelona: Biobliograf, 1978.
- GÓMEZ TORREGO, L. *Gramática Didáctica del Español*. Madrid: SM, 1998.
- _____. *Valores Gramaticales del “se”*. Madrid: Arco/Libros, 1992.
- MATTE BON, F. *Gramática Comunicativa del Español* (tomos I e II). Madrid: Edelsa, 1995.
- MENDIKOETXEA, A. *Construcciones Inacusativas y Pasivas*. In: BOSQUE, I.; DEMONTE, V. (Dir). *Gramática Descriptiva de la Lengua Española: las contrucciones sintácticas fundamentales; Relaciones temporales, aspectuales y modales*. Madrid: Espasa, 1999.

¹Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais.